

EM DESPROPÓSITO – CAPÍTULO 15

Abílio Pacheco
apacheco@ufpa.br

Eu não escrevi esse livro na ordem que você está lendo. Isso aqui não é um romance. São notas de terapia. É preciso dizer isso.

No início de 2010, Leda me convenceu a ingressar num grupo de pessoas na universidade. Pessoas, assim, precisantes de libertar-se de lembranças sofríveis. De início, teimei. Reunião de doidos. Pediu-me no amacio. Fosse uma vez só. A doutora explicou a proposta simples: nós deveríamos escrever, da forma como quiséssemos, o que nos incomodava, o que nos remoia. Escrevêssemos qualquer coisa, de rodeio, mas, de trisco em trisco, mineiramente, por beiradas, falássemos de nosso incômodo. Gostei daquele negócio e me pus a ir seguidamente. Rápido me pus gosto naquilo. No começo, garatujei uns tantos papéis e não mostrei para doutora. Voltava às reuniões a cada duas semanas e procurava seguir à risca o roteiro de tentar escrever 20 minutos todos os dias. Nos primeiros dias, espichei olho para a máquina de datilografar na estante. Não poderia ser! Ganhei logo caderno e caneta para seguir naquilo. Nos primeiros dias, só gastei tempo e tinta. Ora se 20 minutos naquele aperreio saia algo de pronto!? [...]

Quem deu a esse escrito a feição que você vê, foi um professor (outro) apresentado por Jozele. [...] Quando ele recebeu os textos da doutora, não havia divisão de capítulo. Foi ele quem sugeriu os locais dos cortes. De início, eram só sete capítulos. Neles, mudamos pouca coisa. Estão aqui quase do jeito do meu escrito. Fez-me elogios como folgasse peça para depois dar aperto. Gostou de eu suprimir os 'se' ao usar o pretérito do subjuntivo. Todos esses palavões de gramática, aprendi com ele. Já contei como foi meu segundo grau. Ao de leve me disse não ser erro, mas seria bom eu evitar tantos "mas" e suprimir vários "quês". Foi ele quem transformou "disse que trouxessem" em "mandou trazerem", "mesmo que não tenhamos" em "mesmo não tendo" e outras pequenas mudanças feitas em feitiço simples, eficiente e fácil. Como enfiasse palito em queijo, dissolvesse tinta a base d'água, batesse linha para cava de vala. Fez para demonstrar e deu-me ordem de continuação nos remendos. Ajudou-me também a transformar provérbios conhecidos por outros modificados e alguns quase inventados por nós. Assim "água que passarim não bebe" virou "água vetada a aves", num dos capítulos adiante. Alguns provérbios foram colocados na boca do Sr. Antônio, mesmo esse nunca tendo falado. Outros eram mesmo dele. O professor queria a participação dele maior no livro. Disse-me estar preocupado

com algumas palavras que desconhecia e com outras aparentemente inventadas. Desacoimado, percalço, circunloquiar, por exemplo. Eram palavras conhecidas minhas de ouvi-las tanto em boca de peões na fazenda, como nesses livros aí lidos junto com Leda. Perguntei a ele se o ritmo cambaleante era desagradável e tudo o mais criticado pelo outro. Tudo ele achou bom e positivo. Eu quis ainda saber sobre os nomes de Ruth e Noemí. O outro-lá, revisor de antes, havia mandado trocar, pois poderiam analisar as 'personagens' conforme a Bíblia, inclusive devido o parentesco delas no Velho Testamento. O professorzinho deu-me uma paz e uma tranquilidade tão grande. Quando for escrever um romance de verdade, vou chamá-lo para me ajudar. Olhe, apenas escreva. Não se preocupe com mais nada.

Deu-me alívio, mas deu-me trabalho. Li tudo o antes escrito cumprindo a tarefa que ele.. ops... a tarefa sugerida por ele. Eliminei vários 'mas' e vários 'quês'. O danado era mexer na frase quase toda por causa dessas palavrinhas de três letras. Nisso, terminei trocando parágrafos de lugar e enxertando palavras, frases e parágrafos. Também eliminei uns tantos e deixei outro tanto para o mais avante. Daí para frente senti mais dificuldade para escrever. Toda vez que... ops... sempre ao me surgir um 'mas' ou um 'que' eu procurava reescrever. Alguns terminei deixando marcados para mostrar para ele. Não é para eliminar de todo, mas para evitar. Sem ele, esse livro não sairia das anotações feitas para a doutora. Tinha também sagacidade, como a doutora. Exigiu-me mais de Marabá no enredo. Queria, por exemplo, que eu incluísse de algum modo as casas de caldo. Uma das coisas que muito identificam Marabá. Contou-me que numa viagem avistou ao longe um bar com um sub-letreiro indicando "casa do caldo". Chegando lá, só havia um tipo de caldo. Em Marabá, existem casas com dez, doze, quinze tipos de caldo. Sugeri que eu-personagem fosse para algum show, do Papete, por exemplo, mesmo sem eu eu-mesmo ter ido. Lá tomasse umas tantas cervejas e na volta encostasse na Tia Coló, uma casa de caldo no início da Antônio Maia, onde muitas vezes estive com Irma. Fiquei devendo isso para ele, mas meio que pago neste capítulo, dois dos únicos que ele não leu. Quero só ver a cara dele ao ter os livros nas mãos e se deparar com isso. Aqui estão as linhas de bater, os andaimes da construção.

[...] Foi nestas conversas com ele que decidimos muitas coisas do livro. O título partiu mais de mim. Vi numas anotações dele a palavra circulada em vermelho e julguei ser a melhor forma de resumir essa minha vida que vai aqui escrita. O subtítulo eu o ouvi dizer uma vez quando perguntei se faltava encadeamento entre frases, parágrafos e capítulos. Há e não há - disse. Eu insisti. Ainda tinha na cabeça as falas do 'copidesque'. Você não acha que falta estilo? Não tem muitos jeitos diferentes de escrever nessas anotações? Ele me disse 'talvez' e acrescentou não ver defeito nisso. Olhe, sua

escrita é uma mixórdia. Quem ver nisso defeito, não entendeu a proposta da narrativa. E disse para eu relaxar. Eu relaxei, mas eu não tinha proposta nenhuma. Fui escrever para entregar para a doutora e pronto. Não houve plano, projeto. Nem lhe perguntei se entre meus primeiros rabiscos e os últimos havia alguma melhoria. Eu acho que sim, mas vou deixar como está. Ele provavelmente iria dizer que faz parte da proposta. Então que seja. Eu quis colocar na capa a imagem do pontal com um detalhe do quadro de Courbet sombreando o Pontal. A origem do mundo. Expliquei que Marabá era um anagrama de Arambá, monte de vênus. Recomendou-me cautela e não pus. Não concordou com a cadeia de DNA, mas achou bonito. Contra-tom.

Eu ficava falando e falando sobre o livro para ver se arrancava dele algum comentário. Ele disse eu desejar elogios. Coisa de autor iniciante. De correr atrás dos leitores com livro e caneta. [...] Dias depois eu lhe perguntaria sobre gralhas e, de susto, quis saber quem me havia dito aquilo e, antes de dizer que foi ele, julgou ter sido o outro revisor e emendou me dizendo num arroubo que eu vendesse os livros com uma caneta vermelha junto e dissesse para os leitores corrigirem eles mesmos. Afinal, leitor vem de 'ler', do latim *legere*, mesma raiz de 'lei'. São os leitores, os ordenadores da sua mixórdia.